

IMPrensa: LABORATÓRIO DO FAZER POÉTICO DE CORA CORALINA

PRESS: LABORATORY OF THE POETIC MAKING OF CORA CORALINA

Recebido: 21/02/2020 | Aprovado: 18/05/2020 | Publicado: 10/07/2020
DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v4i1.2136>

Lilian Rodrigues de Souza Oliveira¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8805-8108>

Resumo: Resultado de uma pesquisa documental e bibliográfica nos diversos periódicos com os quais Cora Coralina contribuiu desde o seu início na vida literária, o presente artigo pretende demonstrar que as páginas dos periódicos funcionaram como uma espécie de laboratório para o aperfeiçoamento da escrita da autora, assim como apontar de que modo os princípios fundadores do fazer cronístico estão intrinsecamente ligados em sua obra poética. Também, apresentaremos as diferenças entre a sua obra inicial e a obra da maturidade, bem como a maneira pela qual a poetisa incorpora em seus poemas a experiência de cronista. Por fim, apontaremos a ligação da poética de Cora Coralina à Cidade de Goiás, que instituiu-se como verdadeira crônica da sociedade vilaboense.

Palavras-chave: Cora Coralina. Crônica. Poesia. Dimensão cronística. Imprensa periódica.

Abstract: Result of a documentary and bibliographic research among the different periods which Cora Coralina contributed, since the beginning of her literary life. This article intends to show that the pages of the periodicals worked as a kind of laboratory for improving the author's writing, as well as point out how the chronicler founding principles are intrinsically connected in his poetic work. It also shows the differences between her initial work and the work of her maturity, as well as a way in which the poet includes her chronicler experience in her poems. Finally, we will point out the poetic connection between Cora Coralina and the Cidade de Goiás, which establishes as a genuine chronicle of society Vilaboense.

Keywords: Cora Coralina. Chronic. Poetry. Chronological dimension. Periodic press.

Introdução

Cora Coralina é conhecida, prioritariamente, como poetisa e contista, entretanto, segundo verificamos em alguns periódicos publicados no início do século XX, o gênero crônica foi a primeira forma de expressão da autora, a exemplo dessa afirmação, no periódico *Sul de Goiaz* encontramos as crônicas: “Lírio envenenado” (15/09/1907) e “Crônica de Goiaz” (23/04/1908). Assim sendo, no presente artigo apresentamos um acompanhamento do percurso de escrita de Cora Coralina, desde sua estreia, enquanto uma jovem cronista, até a sua obra

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Possui Graduação em Licenciatura plena Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás na Unidade Universitária Cora Coralina - Goiás. É Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Foi bolsista de Iniciação Científica (PIBC - UEG) em 2007. É docente da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás.
E-mail: lilianrso7@gmail.com

poética da maturidade. Para isso, foi realizada uma análise documental e bibliográfica, mediante pesquisa em acervos como o da Hemeroteca Digital e do Gabinete Literário de Goiás. E, a partir de análises das crônicas e poemas, assinalaremos o papel da escrita de crônicas em seu percurso literário e a influência desse gênero em sua escrita poética.

Inicialmente, ao observar algumas crônicas de Cora Coralina, verifica-se diferentes momentos em seu trabalho de escrita que podem ser dispostos em três fases tendo como base a temática e o estilo. A saber, quando morou em Goiás e ainda era apenas uma adolescente, escrevia apenas em prosa e as primeiras publicações abordavam suas impressões sobre a natureza, a literatura, e sentimentos pessoais; ao se mudar para o interior de São Paulo, começou a escrever crônicas, contribuindo para os jornais das cidades por onde passou, e, neste período, verifica-se a abordagem de temas sociais em tom de denúncia em sua produção textual; por fim, ao retornar para a cidade de Goiás, passou a se dedicar à escrita de poemas, e publica seus livros.

Assim sendo, para acompanhar essas variações na obra coralineana, observaremos textos representantes desses momentos de sua escrita, procurando apontar as evidentes diferenças no transcorrer da sua produção textual em periódicos até a publicação de seu primeiro livro. E também, intentamos mostrar que a incursão de Cora Coralina na poesia está relacionada não somente com o seu início na literatura por meio das crônicas jornalísticas, mas também pela proximidade com o Modernismo brasileiro.

1. O periódico: terreno dos primeiros passos literários de Cora Coralina

Cora Coralina integrou de corpo inteiro a vida literária goiana. Frequentava o Gabinete Literário Goiano, dirigiu “A rosa” e enviou colaborações para jornais da cidade e do país. Um dos acontecimentos que impulsionou sua produção literária no período foi a criação do Grêmio (Clube) Literário Goiãno, em 1906, do qual Cora era vice-presidente. No tocante a participação de Cora Coralina na criação e manutenção do periódico *A Rosa*, destaca-se que a escritora atuou como fundadora e redatora da seção literária. O jornal era publicado sempre nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. O primeiro exemplar saiu em

agosto de 1907, era impresso em folhas cor de rosa e seu corpo editorial era formado apenas por mulheres.

Cora Coralina participou ativamente do corpo editorial do jornal *A Rosa*, ao lado de escritoras prestigiadas na antiga capital goiana, como Leodegária de Jesus, a primeira mulher a publicar um livro em Goiás, intitulado *Coroa de lírios*, publicado em 1906. A partir da escrita cronística, Cora Coralina conquistou um lugar central na vida literária da cidade de Goiás naquele período. Em nossas pesquisas no Gabinete Literário de Goiás, identificamos um exemplar do jornal *A Rosa*, que data de 24 de fevereiro de 1908 e que apresenta, dentre os nomes de suas redatoras, o de Cora Coralina. Além disso, na coluna *Chroniqueta*, há referência a uma palestra realizada por Cora Coralina no encontro promovido pelo próprio jornal, o *Soireé Rose*, em que o autor elogia a erudição e os conhecimentos literários da palestrante:

A senhorita Anna Lins dos Guimarães Peixoto apreciada Cora Coralina discorreu sobre a beleza e foi uma felicidade [...] Cora Coralina patenteou, mais uma vez com a sua palestra a sua vasta erudição, a profundidade de conhecimentos literários que têm, pôs em evidência o seu gosto artístico, as suas predileções de estética[...] (JOSIAS SANTANA apud BRITTO, 2006, p. 34).

De acordo com os estudos de Clóvis de Carvalho Britto e Rita Elisa Seda (2009), desde a primeira publicação, a escrita coralineana se tornou recorrente nos jornais da cidade de Goiás. A partir de então, a escritora passou a ser conhecida e seus textos requisitados a ponto de assinar colunas fixas como nos jornais a seguir: *Goyaz*, *A Imprensa* e *Triângulo Mineiro*. Destacamos que no jornal *A imprensa*, a escritora mantinha uma coluna denominada “Chroniqueta”, na qual publicava crônicas sobre diversos assuntos, como política, religião, movimentos feministas, acontecimentos importantes para a cidade, dentre outros. No período de 1907 a 1910, Cora Coralina escreveu para o jornal *Goyaz*. Nesse jornal publicava sempre na coluna *Lettras*, para a qual escrevia contos, crônicas e resenhas. Dentre os textos dessa coluna, foram identificadas onze colaborações da escritora e que eram praticamente desconhecidas.

“A viuvinha” (conto, 28/11/1907), “O celibatário” (conto, 31/10/1908), “A Solidão” (crônica, [...] 27/02/1909), “Floração” (crônica, [...] 05/06/1909),

“Primeira Impressão” (resenha, 21/08/1909), “O Defunto” (conto, 18/09/1909), “Orquídeas” (crônica, 23/10/1909), “Os últimos” (crônica 06/11/1909), “A dança” (crônica, 04/12/1909) e “Concepção da Pedra” (crônica, 15/01/1910) (BRITTO, SEDA, 2009, p. 84).

Na plataforma de pesquisas *Hemeroteca Digital*, identificamos algumas publicações desse período em jornais não somente do estado de Goiás, mas também de outros estados brasileiros, como Mato Grosso. O conto “Tragédia na Roça”, publicado no jornal *O Commercio* n. 44, de Cuiabá, em 29 de dezembro de 1910, em que aparece uma dedicatória para a mãe de Cora Coralina, dona Jacyntha “A minha mãe”. Também encontramos referência à publicação do mesmo conto na revista *Nova Cruz* ano VI, série V, n.2, que era publicada no estado de São Paulo. Enfim, os dados aqui apresentados confirmam a circulação constante de Cora Coralina em diversos periódicos, e também corroboram com a percepção de Soares (2015) sobre o cronista ser o mediador entre vida sociocultural/política e o público leitor.

1.1 A concepção da escrita: sentimento, natureza e arte

Neste tópico, consideraremos algumas das publicações de Cora Coralina em periódicos à época de sua adolescência e juventude, quando ainda morava na cidade de Goiás. Por isso, inicialmente, destacamos que, no ano de 1911, em novembro, a escritora deixou a cidade em que nasceu para trás e se mudou para a cidade de Jaboticabal, no estado de São Paulo. Portanto, aqui, serão analisadas crônicas publicadas antes da mudança da escritora, entre elas, escolhemos a crônica “Concepção da pedra”, publicada no periódico *Goyaz* em 15 de janeiro de 1910.

A crônica “Concepção da pedra” foi publicada pouco tempo depois do período em que Cora Coralina morou na fazenda Paraíso. O fato de ter morado no campo, certamente, exerceu uma notável influência na escrita das primeiras crônicas, o que é possível notar principalmente quanto aos temas abordados, que descrevem e tratam de assuntos relacionados à natureza e às observações que a autora fazia em relação aos animais, às plantas, às estações do ano e também às impressões que a natureza lhe causava, como é notável no texto a seguir:

Concepção da Pedra

Disse o Criador falando as árvores:

– Crescereis, tereis galhos e folhas de infinitas formas, nenhuma de vós será estéril, desde o baobab gigantesco até o trevo pequenino.

– Dareis flores e frutos formosos, as flores terão perfume e os frutos sabor. [...]

As árvores fremiram de júbilo e entoaram a aleluia espiritual da vida...

E o Criador falou às pedras:

– As idades não conseguiram alterar a vossa forma primitiva. Tereis eternamente o mesmo aspecto hirto e duro; o vosso seio será cerrado às dores e às alegrias. Se o vosso coração gritar ninguém ouvirá.

– Vereia imóvel e muda a passagem rude dos séculos sem que a transforme a vossa feição rígida e fria.

– Sereis sempre estéril, o vosso ventre não criará jamais. Vereis a passagem crescente das gerações, vereis a posteridade com a suprema indiferença das Pedras. [...]

Um dia uma grande pedra desagregou-se do cume de uma cordilheira, e resvalando pelas pontas ríspidas das rochas, ferindo-se toda, foi parar na margem estreita de um carreiro longo e cheio de curvas como uma grande cobra torcida esmagando as próprias voltas.

Fez um ângulo na estrada.

[...]

Quebrou o silencio cruciante da serra o galreio de um bando de andorinhas forasteiras que iam pedir abrigo às concavidades resguardadas.

As suas asas desfalecidas fizeram-nas pousar na grande pedra do carreiro estreito e sinuoso como uma cobra chata, a dormir.

Elas cantaram saudosamente, mensageiras talvez do milagre esperado.

O limo havia coberto a pedra de alto a baixo com uma túnica colante de veludo verde, ocultando-lhe a nudez casta e primitiva.

Do biquinho agudo de uma das avezinhas escapou um grão minúsculo perdendo-se rapidamente na humidade escorregadia.

.....

Foi assim...

.....

Maio cantava alto no azul do céu e na terra verde.

Tido um longo inverno passado nas alturas entre pontas cortantes como gumes e arestas de rochedos, despertara na minha alma a nostalgia dos vales enflorados.

E na curva angulosa do carreiro retorcido como uma cobra raivosa, estaquei diante da pedra como se diante da porta magnífica de um templo Pagão da antiga Hellade.

Toda enflorada, de uma floração jalde, rica e odorante, era então a pedra que deixara recosida de limo!

Flores e folhas cobriam-na inteiramente, caíam-lhe aos lados como cortinas rasgadas...

Realizara-se o milagre nunca prometido e sempre esperado.

A pedra gerando flores rompera a sua esterilidade de cousa morta.

[...]

A grande cordilheira glauca estremecia de júbilo e de assombro, e se fosse dado aos viventes compreender os sentimentos das cousas, ouviriam talvez palpitar acelerado o seu imenso e pétreo coração!

[...]

La deixei no ângulo estreito do carreiro sinuoso a grande pedra fecunda, toda borboalhada de orquídeas, vibrando alto no silencio magoado da serra o perfume religioso de seus cachos louros!

Cora Coralina

De acordo com Afrânio Coutinho (2004, p. 26), o “sentimento da natureza” foi um dos caracteres essenciais do Romantismo e estabeleceu-se na literatura

de prosa e verso instituindo o prazer estético da natureza que desempenhava uma verdadeira fascinação sobre os escritores que se dedicaram às descrições das imagens naturais, às sensações e impressões advindas dessa proximidade com a natureza, relacionando-se até mesmo “panteisticamente com seus encantos e sugestões”. Ao ler “A concepção da pedra”, percebe-se que a cronista tende a sacralizar a natureza, ao empregar expressões próprias que remetem à bíblia sagrada como: “Disse o Criador...”, “E o Criador falou...” somando-se as essas expressões profecias que se cumprem na vida das árvores e pedras, e, por fim, o milagre da pedra que floresce, o milagre da poesia, que segundo a poesia de Manoel de Barros um poeta pode fazer “uma pedra dar flor”. Essas eram características recorrentes dos textos da terceira fase do romantismo na literatura que era realizada em Goiás no período em que a escritora começou a publicar. Sobre isso Britto (2006) afirma que nas publicações iniciais de Cora Coralina, como artigos, conferências ou crônicas, a autora seguia as tendências de escrita do período, ressaltando a influência francesa e clássica, além da evasão, e ainda fazendo o uso de diversas citações da Bíblia e de poetas franceses e brasileiros. Tendências essas, que possivelmente eram acompanhadas por Cora Coralina mediante os periódicos franceses assinados pela mãe. A respeito desses periódicos, Vaillant (2015, p. 280) afirma que poetas-jornalistas davam “conta da vida teatral, artística e literária, e publicam suas composições poéticas no interior dos jornais para os quais trabalham”, desse modo, pode-se afirmar que a riqueza literária, constante desses periódicos, alimentaram os primeiros passos de Cora Coralina na literatura e na imprensa.

Ao observar algumas crônicas de Cora Coralina verificou-se presença constante de temas naturais, e inclusive a recorrência de um mesmo animal em diversos escritos, é o caso da “andorinha”. Por exemplo, em “Concepção da pedra” temos: “Quebrou o silencio cruciante da serra o galreio de um bando de andorinhas forasteiras que iam pedir abrigo às concavidades resguardadas. As suas asas desfalecidas fizeram-nas pousar na grande pedra do carreiro estreito e sinuoso como uma cobra chata, a dormir. Elas cantaram saudosamente, mensageiras talvez do milagre esperado.” Aqui, a andorinha figura como parte importante da tão esperada “concepção da pedra”, elas simbolicamente representam um profeta. Mas, em outras crônicas a andorinha também é

evidenciada, por exemplo, na crônica “Solidão”, a escritora explica que o pássaro já foi utilizado outras vezes em outros textos, nas palavras da cronista: “Um dos primeiros artigos que publiquei aos 14 anos, foi sobre as andorinhas, o ano passado escrevi sobre este pássaro, e é sobre ele que ora escrevo” (CORALINA, apud BRITTO, SEDA, 2009, p. 62). Aqui, além de comentar a retomada ao mesmo tema, Cora Coralina informa o leitor de que escreve e publica desde os 14 anos, e também que é uma cronista de publicações recorrentes nos periódicos da cidade de Goiás. Ainda, algumas das primeiras crônicas de Cora Coralina apresentam logo no título uma inclinação à temática da natureza, são elas: “Orquídeas” e “Floração”.

2. Terras paulistas: Saudades, amizades e transformações

A escritora continuou a publicar crônicas após se mudar para São Paulo, estado em que morou em diferentes cidades como Jaboticabal, Penápolis e Andradina. Por onde passou, Cora Coralina encontrou espaço nos jornais para as suas crônicas, em alguns jornais assinou colunas semanais, como no jornal *O Democrata*, no qual escreveu para a coluna “Coisas de Jaboticabal”. Cora Coralina não deixou de publicar e de escrever, pois em suas próprias palavras afirmou que a atividade da escrita sempre esteve presente em sua vida: “através dos longos anos até a publicação deste livro eu sempre escrevi alguma coisa: espaço em jornais, em revistas, fora de Goiás, [...] nesse tempo todo eu estive ligada à literatura” (CORALINA apud BRITTO, SEDA, 2009, p. 132).

Sabe-se que Cora Coralina, durante seus primeiros anos em Jaboticabal, escrevia menos do que gostaria por falta de tempo. Entretanto, ela conseguia driblar os afazeres e escrever. Sabia o que escrever e onde publicar. Para *A Informação Goyana*, enviava suas recordações sobre Goiás. Para o jornal *O Democrata*, coisas sobre Jaboticabal. No *Estado de São Paulo*, crônicas pertinentes a um jornal com ampla área de leitores. Para ela, o ato de escrever estava ligado diretamente à publicação. Assim, teria uma resposta ao seu texto. A esse respeito, Soares (2015) acrescenta que “A publicidade tornou-se uma necessidade na época. A política tem seus jornais, o comércio e a indústria, seus jornais; as artes e as ciências os seus – tudo é comentado e informado nos

jornais”. Do mesmo modo, essa necessidade de publicidade e interação escritor/leitor norteava a conduta da escritora. Nas palavras de Cora Coralina:

Quando casei, meu marido era muito ciumento. Não aceitava que eu publicasse, aceitava apenas que eu escrevesse, mas não que publicasse. Mas durante quase toda a minha vivência da vida conjugal, eu muito pouco escrevia, porque escrever para mim é uma forma de publicidade, eu sinto a dificuldade da publicidade para o que eu escrevia naquele tempo. (In: SALLES, Mariana de Almeida. *Cora Coralina: uma análise biográfica*, p.78.)

Como pudemos observar, durante sua residência em Jaboticabal, alguns dos textos coralineanos foram publicados em jornais paulistas e também na revista *A Informação Goyana*: “Vivendo já no interior de São Paulo, a participação de Cora nessa revista, distribuída em Goiás, todavia fundada e dirigida pelo notável goiano Henrique Silva, no Rio de Janeiro, veiculando matérias de colaboradores que ele julgava ‘os mais competentes’ entre nós, dá-se entre os anos de 1919 e 1924, quando se interrompe bruscamente.” (In: DENÓFRIO, Darcy França (Org.). *Cora Coralina: melhores poemas*, p.16)

São desse período as publicações: “Doces...”, “Rio Vermelho”, “Ipê Florido”, “O progresso de Goyaz”, “Um milagre” (1919) e “Dominicais” (1924). Dos textos publicados em *A Informação Goyana*, daremos especial atenção ao “Rio Vermelho”:

Goiás tem um rio que recorta precitando-a pelo meio, dividindo a cidade em duas partes iguais.

É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta.

Nasci nas margens desse doce rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor de minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia.

As águas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosíssimas histórias das margens por onde andavam, dos bosques onde refletiram a verde roupagem das árvores, do ignoto d’onde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e falando, falando e correndo sempre...

E eu ficava longas e cumpridas horas pasmada para essas águas que corriam, corriam, sem nunca se deterem, sem nunca se cansarem, atenta para essas histórias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia.

[...]

As águas voltam a correr compassivas e mansas com a mesma feiticeira mansidão com que embalou e deu asas aos sonhos de minha adolescência.

Meus ouvidos ouvem sempre a vossa voz amiga, oh! Águas longínquas de minha terra [...]

Longe de ti, oh! Rio Vermelho da saudade, meus olhos têm sede das tuas águas, meus ouvidos anseiam pela tua voz brandiosa e sedativa que despertou complacente as ilusões de minha adolescência...

Oh! Águas antigas e tranquilas! Corríeis, corríeis e eu vendo-vos correr, ouvindo-vos cantar; fiava e desfiava sempre a teia luminosa de meus sonhos...

Oh! Águas tredas e feiticeiras, lavei uma vez na tua piedosa cheia os sedimentos e resíduos da minha dorida amargura...

Longe, longe, junto a casa onde nasci passais aligeiradas, correndo e cantando, falando e contando sempre as lendas de Anhanguera e as lendas de Goyá.

Rio abaixo, ao abandono, boiou e rodou, perdendo-se para sempre, a teia emaranhada de meus sonhos mortos...

Na minha alma hoje também corre um rio, um longo e silencioso rio de lágrimas que meus olhos fiaram uma a uma e que há de ir subindo, subindo sempre até afogar e submergir na sua cheia tenebrosa a intensidade da minha Dor!...

Cora Coralina

No dia 15 de março de 1919, a revista publicou a crônica “Rio Vermelho”. Essa crônica consta no livro *Villa Boa de Goyaz* e, nela, Cora revelou a saudade que sentia da cidade natal. Escreveu sobre seu amado rio: “Goyaz tem um rio que a recorta precipitando-a pelo meio, dividindo a cidade em duas partes iguais”. Depois puxou o fio de sua existência às margens do rio Vermelho, falou das minerações, dos bandeirantes, de seu nascimento, da canção de ninar que foi o murmúrio do rio, da importância que ele exerceu em sua adolescência “acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia”. Também revelou a cumplicidade junto ao rio que, sendo seu amigo, ao passar pela Ponte da Lapa, ia mais vagaroso e lento só para lhe contar longas e formosas histórias dos lugares por onde passou: “E eu ficava longas e cumpridas horas pasmada para essas águas que corriam, corriam, sem nunca se deterem, sem nunca se cansarem, atenta para essas histórias de maravilhas e de sonhos que só eu ouvia”. Saudosa ela encerrou o texto dizendo que seus olhos tinham sede das águas do rio, que seus ouvidos ansiavam pela voz tranquilizante que nela acordou as ilusões de adolescente. E, Cora Coralina, se mostrou dolorida, cheia de amargura por estar longe do rio Vermelho. Desiludida, disse que pelo rio abaixo boiou e rodou a teia de seus sonhos. Seus sonhos estavam mortos. E, por isso, em sua alma corria um rio de lágrimas, longo, fiadas uma a uma, lágrimas que subiam até a cheia tenebrosa e intensa de sua dor. Enfim, apesar da distância física, a Cidade de Goiás sempre embalou a memória de Cora Coralina em um misto de dor e ternura.

A crônica “Rio Vermelho” também traz consigo informações sobre a escritora para além dos periódicos. A saber, ela também buscava manter contato com outros escritores do período. Como exemplo disso, temos uma correspondência entre Cora Coralina e Monteiro Lobato, na qual Lobato responde a intenção de Coralina de publicar em uma revista em que ele era editor, e o texto enviado foi o “Rio Vermelho”. Na carta, observa-se que, de acordo com Lobato, os textos de Cora Coralina ainda apresentavam uma escrita mais subjetiva e sentimental, o que destoava da escrita cronística de alguns periódicos que tendiam para questões sociológicas nacionais. Por isso, Monteiro Lobato sugere a ela que escreva sobre outros assuntos, como é possível notar no trecho a seguir:

Exma. Sra. (ou Srta.?) Cora Coralina Só hoje respondo à sua carta de 30 de dezembro porque estive fora, de férias. Se li o seu artigo no Estado? Li-o sim e lembro-me muito bem dele. Propunha a Sra. uma visão cinematográfica geral do país por ocasião do centenário. A ideia era ótima e creio que está em início de execução. Formou-se cá uma empresa para esse fim. Estão já batendo caixa, e prometem grandes coisas. Depois, como de costume, sairá um ratinho. Recebi as suas tiras de saudade sobre o Rio Vermelho. Li com especial carinho, pois de há muito que, apesar de viver com o tempo contado, leio tudo que traz a sua assinatura. Conhecia-a da Revista Feminina, e tanta espontaneidade vi em seus escritos que telefonei à redação indagando quem era D. Cora. Soube que era uma Curado (informaram-me errado?) e já não me admiro por escrever bem, filiada que é a uma família tão distinta. Quis até escrever-lhe para Goiás, convidando-a para colaborar na Revista do Brasil. Vieram mil atrapalhões e o quis ficou no quis. Hoje a Sra. antecipou-me e veio para a Revista. Mas não vem como deve vir. Seu artigo, lindamente escrito, cheio de sentimento e saudade, não cabe no caráter dessa revista, que dá preferência a artigos de estudo, de observações sociológicas, e evita o que chamamos literatura pura (sabor no verso). Assim, retenho o seu artigo para publicá-lo se me autorizar a isso, em outra publicação onde assente melhor, e fico à espera de que mande para Revista do Brasil algumas linhas próprias sobre tanta coisa que seu espírito está apto a tratar. Mando-lhe o programa da Revista, que tracei há tempos, e onde assinalei numerosas sugestões que lhe poderão guiar. Observadora como é, a senhora não dependa do escrever bem, tenho a certeza de que encontrará nessa lista temas interessantes. E fora deste programa poderá a Sra. tratar do que queira, contanto que se norteie pelo espírito dela. Aguardo as suas ordens, e peço que disponha deste humilde criado e velho admirador M. Lobato. (LOBATO, Monteiro apud ANDRADE, Ludmila Santos, 2016, p. 50)

É perceptível que na escrita de Cora Coralina ainda predominava a abordagem do eu e dos próprios sentimentos e por isso Monteiro Lobato alerta a escritora para que amplie seu olhar observador e escreva textos que abordem questões sociológicas, e evite o que ele designa de “literatura pura”. Ressalta-se

que não se trata de uma reprovação de Monteiro Lobato aos textos de Cora Coralina, o fato é que a orientação da revista que ele dirigia era outra. Entretanto, com efeito, o editor da *Revista do Brasil* oferece a Cora Coralina valiosas orientações e sugestões, além de elogios que a colocam como uma observadora capaz de encontrar temas interessantes para a escrita de seus textos. Supostamente, o conteúdo dessa carta, despertou na escritora algumas inquietações e provocações que a fizeram ponderar sobre seus textos e a reorientar sua escrita.

Esta carta de Monteiro Lobato para Cora Coralina data de 10 de janeiro de 1922 e o editor revela-se admirador e leitor da escritora em suas publicações na *Revista Feminina*. O que para nós fica evidenciado é que Monteiro Lobato pode ter exercido um papel chave na reorientação da escrita de Cora Coralina, visto que as crônicas que datam a partir de 1931, isto é, alguns anos após a correspondência com Lobato, abordam observações sociológicas.

2.1 Cora Coralina: do eu para o outro, uma visão social

A análise das crônicas publicadas em São Paulo nos permite afirmar que Cora Coralina inicia um segundo momento de sua escrita cronística, pois os textos desse período apresentam outra configuração, são crônicas de cunho social e que raramente abordam a natureza e as artes. Estas crônicas exibem uma escritora com olhar atento ao cotidiano e as contradições políticas e sociais das cidades por onde passou.

A respeito das modificações no estilo de escrita da escritora, destacamos as crônicas publicadas no jornal *O Democrata*, no qual manteve uma coluna fixa, e suas publicações datam de 21 de maio de 1931 até 16 de julho de 1931, por um período de dez semanas seguidas. Vejamos, a seguir, a crônica “Coisas de São Paulo” publicada em de 7 de maio de 1931:

Um dos traços mais típicos dos costumes paulistas e que fere vivo a observação de quem vem de fora é o hábito generalizado discreto e severo com que mantem sempre fechadas as residências, como se vivessem numa constante defensiva de desconfiada suspeita. Bairros inteiros parecem assim desabitados com suas casas mudas impenetráveis, portões trancados pelas grossas correntes dos cadeados e, sublinhando essa hostil defesa, não raro um policial embrutecido de ferocidade que salta bruscamente ao portão tentando abocar entre os colmilhos os que passam desavisados...

Nenhum ruído de vida interna indica presença de habitante; nem uma criança brinca no gramado deserto dos jardins; nenhuma nota familiar; nem mesmo a passagem caseira de uma criada de serviço entrando ou saindo, quebra esse isolamento silencioso, Isso, assim, pelo dia afora...

Sobrevêm noite e mal apenas um ou outro postigo de vidro triplo transparece, parcamente, iluminado...

[...]

Criadas bem postas batem e sacodem, com força e distração, sobre quem vai pelas calçadas ou sobre a erva dos jardins o pó acumulado das tapeçarias. Enquanto dura o sol ali ficam, colorindo as paredes e frontispícios tiras, losangos e quadraturas, cobertores, travesseiros e almofadas e mais almofadas de cores e feitios abundantes e cuja redundância inútil é de modo atravancar os ambientes confinados.

Conheço uma boa senhora que tem espalhado pela casa 86 exemplares desse gênero e essa senhora rala-se de inveja de outra amiga que ultrapassou a conta de 122 e cujo marido coagido de livre locomoção, tolhido no ambiente doméstico por essa centena de trouxas amarradas pintadas e bordadas, numa concessão inspirada a paz conjugal passa o dia todo no escritório porque não tem em casa onde pôr os pés.

[...]

Já passou de há muito o galego das verduras, já passou o carrinho do italiano, que deixa o pão do almoço, já se recolheu a correspondência do dia, já o patrão foi para o escritório e as crianças para o colégio. Venezianas, janelas, portas, postigos tudo está fechado, o portão amarrado com sua grossa corrente, pendente o cadeado...

Perguntei um dia a Dona Lucinda: Porque traz a casa assim fechada? Medo de ladrões? Receio de um assalto à mão armada, assim em pleno dia, numa rua como essa? Não. Não é isso, respondeu a boa senhora. Fechamos tudo por causa das moscas. Não vê que São Paulo tem muita mosca e todos os vizinhos enxotam-nas e fecham as casas para que elas não tornem a entrar e, se eu não fizer a mesma coisa, vem todas para cá e me sujam tudo...

Intelligentíssima senhora! Pode o serviço sanitário dormir descansado como sempre, sobre o problema relegado da limpeza e saúde pública. As donas de casa já resolveram na íntegra e é por isso que as moscas escorraçadas das casas que se recusam hospedá-las invadem em densa nuvem escura as leiterias, bares, armazéns, quitandas, cafés e botequins da cidade. Se alguém adoecer de uma patologia suspeita, haverá sempre um médico para um calote e um boticário que vende... fiado...

—

Explicado o motivo, bem trancada a casa continua seu silêncio frio, mudo, desconfiado.

—

[...]

Muito pior, no embalo, é a história de uma outra vítima dessa confinada gente, quando deita anúncio: Vende-se pela terça parte do custo mobília de pouco uso, feita de encomenda ou: traspasse-se, por motivo de viagem, contrato de casa por menos do que se aluga... Ai daqueles que, embalados por essa sugestiva publicidade deixam sua casa, seu sossego e sua tranquilidade e vem ali pretender a compra dessa mobília ou se informar sobre o preço dessa casa... Depois de premido várias vezes o botão elétrico e antes que seja recebido, o pretendente sofre uma série de investigações prévias, mudas e sonoras. 1º. Inspeção preliminar de conjunto, de uma senhora idosa de luneta, que decerra uma veneziana no alto e alonga o pescoço, a seguir, observação divinatória e infantil de uma criança que abriu e fechou estreita fenda de luz. Depois inspeção de detalhe abrangendo, sexo, idade, estado civil, posição social, aparência e já mais próxima de uma criada que vem até o meio do jardim e torna a voltar. Pelo postigo de vidro triplo uma cara raspada de homem revista por último, faz o resumo, confere com vagar a súmula total se dá bem combinada e homogênea. Por último, o copeiro vem até a grade do portão e faz perguntas, de rigor, inquire com minúcia. Depois de bem informado que é apenas o leitor vítima do anúncio da mobília e do contrato volta, traz a chave e abre o portão com suspeita e reserva e a vítima, imbuída da publicidade arrependida 10 vezes da

sua curiosidade, homem ou mulher, só é atendida e tem ingresso no hall depois que confirmou sua identidade, afirmando, garantindo e jurando que não traz lista de subscrição para asilo de órfãos, não passa obra literária, não faz propaganda de utilidades comerciais e não compra, não vende roupas usadas...

Cora Coralina

No título da crônica já se percebe uma mudança quanto aos temas abordados, pois se inicialmente a escritora dava preferência a questões relacionados à natureza e sentimentos como na crônica “Rio Vermelho”, observada anteriormente, nesse segundo momento, seus textos destacam as ‘coisas’. Até mesmo a coluna que a escritora manteve no jornal *O Democrata* era intitulada de “Coisas de Jaboticabal”, e a crônica em questão, mesmo não pertencendo a essa coluna fixa, também apresenta um título que dá preferência pela abordagem das “Coisas de São Paulo”. Assim sendo, essa crônica demonstra abandono da abordagem das experiências pessoais e sensoriais.

Além disso, outro aspecto perceptível refere-se à conjugação verbal, que deixa de ser feita em primeira pessoa. Os verbos passam a ser conjugados, geralmente, na terceira pessoa do singular ou do plural, devido ao fato de a escritora pousar seu olhar observador para fora de si, percebe peculiaridades do cotidiano que os olhos apressados do dia-a-dia, geralmente, não enxergam. Isso ocorre porque Cora Coralina não mais figura em suas crônicas como uma narradora protagonista, mas, especialmente, como uma narradora observadora. Na primeira narração, a cronista não participa ativamente dos fatos relatados, mas há um diálogo que é travado entre a narradora e a senhora personagem. Portanto, ressalta-se que a cronista está atenta ao que vê e não ao que sente, e desenvolve um olhar direcionado ao cotidiano, observando coisas que passavam despercebidas à maioria das pessoas. Um exemplo, na crônica em questão, é o hábito das empregadas domésticas de retirar as almofadas para colocá-las ao sol diariamente e depois recolocar, ou então o ritual de observação dos habitantes da casa para o intruso, das inúmeras perguntas e desconfianças que ocorrem quando algum desconhecido aparece na porta de uma casa em busca do anunciante do jornal. Provavelmente, a maioria desses acontecimentos não era sequer percebida pela maioria da população paulista, já acostumada ao hábito da

desconfiança e cuidados com a presença de outros que poderiam lhe oferecer qualquer risco ou insegurança.

É interessante notar que a crônica é composta por três partes divididas por um sinal gráfico entre uma parte e outra e, apesar de descrever momentos diferentes de sua observação, todas as descrições abordam o modo de vida dos paulistas e seus hábitos de viverem na defensiva, desconfiados e trancafiados. Na primeira parte a cronista descreve os hábitos dos moradores das “casas mudas impenetráveis” e destaca alguns fatos notórios a ela como: a senhora que tinha espalhada em casa 122 almofadas, o trabalho das domésticas, dos vendedores de verduras e ao final dessa primeira parte descreve um diálogo em que a cronista pergunta a uma senhora paulistana sobre o motivo de manter a casa sempre tão bem fechada e, ao responder, a senhora surpreende ao falar que é por causa das moscas. A resposta da personagem da crônica, a Dona Lucinda, gera um comentário da cronista que usa de ironia explícita para se referir à justificativa daquela moradora, ao declará-la como uma “inteligentíssima senhora” e continua a abordagem irônica ao citar o serviço sanitário, ao assim fazer a cronista além de ironizar, também questiona a validade e a coerência das palavras de dona Lucinda, bem como os motivos para que a casa fosse mantida trancafiada.

Notamos que a ironia não era um elemento recorrente nas primeiras crônicas, e, quando utilizado era feito de forma sutil e tímida, o que não ocorre nessa fase da escritura, na qual Cora Coralina recorre com maior frequência a esse artifício para discutir posturas e costumes vigentes. As crônicas pertencentes à coluna “Coisas de Jaboticabal” que a poetisa assinou apresentam fortes críticas sociais e políticas e nelas a ironia é um dos mecanismos para denunciar ou criticar situações que prejudicavam a população em geral.

Ao finalizar a crônica lê-se a descrição de outra vítima “dessa gente confinada”, assim o último parágrafo da crônica apresenta uma crítica à sociedade paulistana que em seu isolamento não abria as portas a nenhum trabalhador, vendedor ou representante de obra de caridade, não dando chance ou oportunidade para esses trabalhadores, pois não poderia ser incomodada em seus recintos particulares de quietude e tranquilidade. O registro de alguns momentos aparentemente tão banais daquela sociedade oferece ao leitor uma

visão dos hábitos, dos costumes, das personagens silenciadas e que viviam à margem, sendo reconhecidas apenas pelo trabalho que faziam. Nesse sentido, Machado de Assis (2013, p.73) confirma o jornal como sendo esse terreno da “literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de, um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana.”

Além disso, também sobre a crônica observa-se que há as que, por transitarem entre a informação e os acontecimentos da cidade, podem ser consideradas como crônicas que retratam uma cidade específica, trazendo as memórias, os costumes, os lugares, o conteúdo e as representações sociais de uma determinada sociedade e cidade. Em conformidade, Cora Coralina abordou as cidades por onde passou, mas, principalmente, a sua cidade de origem, Goiás; assim como outros cronistas que escreveram crônicas de suas cidades: Mário de Andrade, que escreveu crônicas abordando a cidade de São Paulo; João do Rio e Machado de Assis, que escreveram sobre a cidade do Rio de Janeiro.

3. Uma poesia cronística

Após retornar a Cidade de Goiás, é que temos a publicação poética de Cora Coralina. Entretanto, é perceptível certa dimensão cronística em seus poemas. Visto que, a temática é do cotidiano, do anônimo, dos marginalizados, do insignificante. Assim, a mesma matéria e linguagem que corporificam a crônica também dão forma a poesia de Cora Coralina. Segundo Vaillant (2015, p. 279) a presença desses traços na poesia são consequências poéticas e formais, no plano do trabalho do verso para o jornal, visto que o periódico “constitui a matriz provável do poema em prosa, e também é a origem de transformações muito fundamentais - e talvez mais determinantes para a evolução do gênero – no domínio da poesia versificada.” E, outro fator que, certamente, contribuiu com a produção poética de Cora Coralina foi a liberdade de criação da estética de 22, tais como a utilização do verso livre, a representação do cotidiano pela perspectiva do prosaico e do desimportante, e a presença da oralidade e da

língua falada; uma vez que sua expressão poética dá-se apenas posteriormente à Semana de Arte Moderna.

É interessante notar que grande parte dos poetas modernistas também foram cronistas e exerceram a atividade em jornais de todo o país, aguçando o olhar de cronista, de observadores atentos às minúcias diárias e de escritores que lançavam o olhar para as desimportâncias do dia-a-dia e as representavam nos poemas. Poetas modernistas como Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros, foram exímios cronistas e é perceptível que na obra de todos esses há um aproveitamento da matéria da crônica na escrita poética. Sobre isso, Vaillant afirma que:

De fato, a imprensa não constitui somente um novo suporte, que oferece aos poetas um modo de difusão em maior conformidade com os hábitos culturais modernos, mas também exerce uma influência decisiva em suas orientações formais e temáticas, e é a este título que, dentro de uma perspectiva de uma poética histórica das formas, ela diz respeito ao historiador da literatura. Na realidade, a mídia jornalística marcou de forma particular e reconhecível a estética da literatura pós-romântica, com a inflexão em uma direção que teria sido inimaginável se, durante quatro décadas, a poesia, demovida de seu lugar habitual e institucional que é a coletânea, não fosse obrigada a aceitar o asilo precário e heteróclito do jornal. (VAILLANT, 2015, p. 281).

Portanto, ao examinar a trajetória literária de Cora Coralina nos periódicos, levanta-se a hipótese de que sua escrita cronística tenha contribuído para o aprimoramento de seu olhar às pequenezas dos fatos diários, funcionando como um laboratório de escrita para a poetisa, que, à maneira de outros poetas modernistas, aproveitou em seus poemas os pequenos fatos, as notícias, as crônicas e os acontecimentos cotidianos para realizar seu trabalho poético. Observemos, a seguir, o poema “Rio Vermelho”, que é aproveitamento do título de sua crônica publicada na revista *A Informação Goyana*, analisada anteriormente, e também apreciada por Monteiro Lobato com sugestões para aperfeiçoamento, a fim de compreendermos como ocorre a dimensão cronística na obra poética coralineana:

RIO VERMELHO

[...]

Rio de lavadeiras lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.

De potes se enchendo da água.

E quem já ficou doente da água do rio?

Quem já teve ferida braba, febre malina,
pereba, sarna ou coceira?

[...]

Ponte do Carmo, querida,
dos namorados de longe.
Por onde passava enterro,
dos anjinhos de Goiás,
que iam pro cemitério,
pintadinhos de carmim.
Caixãozinho descoberto.
E a música tocando atrás
A Valsa da Despedida.

Ponte nova do Mercado
- foi pinguela do Antônio Manuel,
banheiro da meninada.
Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
Carioca de nós todos.
Pinguelona dos destemidos,
contando a estória de um sino.

Sino grande, impressado,
nas locas da cachoeira.
Sino da Igreja da Lapa,

que rodou na grande enchente
tocando pro rio abaixo.
Até que parou impressado
nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto
conta estória do sino:
inda toca à meia-noite
quando a cidade se aquieta,
e as águas ficam dormindo.
[...]

Sombras de velhos banhistas dos velhos
tempos.
Sabão do Reino no bolso.
Toalha passada ao ombro.
Cigarro de palha no bico.
A vitamina do banho.
Banho da Carioca.
Águas vitaminadas...
Rio vermelho - meu rio.
[...]

(CORALINA, 1965, p. 29-31)

É importante ressaltar que Cora Coralina viveu 45 anos longe da Cidade de Goiás, e o seu retorno parece ter desencadeado sua poética, e influenciado, em certa medida, algumas modificações em sua escrita, mudanças essas em relação ao gênero e ao estilo.

Diferentemente, da crônica de 1919 que revela sentimentos pessoais, no poema “Rio Vermelho” a escritora lança seu olhar para a sociedade vilaboense que vive as margens do rio, mostra-nos afazeres cotidianos como as “lavadeiras lavando roupa”, menciona marginalizados como os meninos pobres “lavando o corpo no rio”, faz referência à atividades domésticas como buscar água no pote que denuncia a falta de saneamento básico da cidade, e, além disso, o rio também é cenário de costumes da cidade como a cerimonia de enterro dos “anjinhos”. E, em conformidade com a crônica, trata de notícias que estamparam as páginas dos jornais, como a Grande enchente que derrubou casas e até a igreja da Lapa. Segundo periódicos da época, na Cidade de Goiás, praticamente chovia sem parar desde 14 de fevereiro de 1839, até que no dia 18, às 11 horas da noite, “começou uma chuva grossa, sem cessar até às nove horas do dia 19” (FLEURY, 7 mar. 1839).

Assim como no poema “Rio Vermelho”, o cenário da maioria dos poemas coralineanos são: os becos, as ruas, os rios, as pontes, as igrejas, as casas e as escolas de uma cidade interiorana, bem como os costumes econômicos, as tradições e as crenças populares. Isso corrobora para que haja um cruzamento entre história e memória no poema, o que é algo também característico do texto cronístico. Neves (2005) afirma que tanto a crônica como a história, de modos certamente diversos, se constituem como uma escrita memorialística, e sendo assim considera os cronistas como autores e intérpretes da memória coletiva. Por conseguinte, é possível observar que a cidade de Goiás é tema e matéria recorrente na obra coralineana, isso fica evidenciado nos títulos de alguns de seus poemas. Após leitura atenta dos poemas, observa-se que Cora Coralina estabeleceu uma íntima relação com a terra vilaboense, e cantou isso em versos, revelando minúcias daquele lugar. Por isso, apontamos que, na feitura de seus poemas verifica-se uma notável e marcante dimensão cronística.

Considerações Finais

Com base no exposto, anteriormente, verificou-se que a obra inicial de Cora Coralina é marcada por temas referentes à natureza e a predominância da abordagem do ‘eu’ em que a cronista ressaltava os próprios sentimentos, sensações e impressões. Contudo, uma longa trajetória na imprensa jornalística com o exercício da escrita em crônica funcionou como um laboratório experimental para Cora Coralina, visto que, propiciou à escritora uma assimilação eclética dos gêneros textuais, dos assuntos, da linguagem, e dos elementos textuais. E, atentando-se para seus poemas, verifica-se que a escrita poética de Cora Coralina revela seu olhar cronístico sobre as “pequenezas diárias” da cidade de Goiás, fazendo de seus poemas autênticas crônicas de sua cidade e de seu tempo.

Referências

ANDRADE, Ludmila Santos. *Poesia e crônica em Cora Coralina*. 2016. 130 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016.

ARRAIS, Cristiano Alencar; TAVARES, Weder de Moraes. A Informação Goyana e a origem do discurso oposicionista à dominação pública oligárquica no início do século XX. *II Seminário de Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás*, Anápolis, 2005.

ASSIS, Machado de. *O jornal e o livro*. In: Machado de Assis: crítica literária e textos diversos. Organização, notas e introdução de Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

BRITTO, Clovis Carvalho. “*Sou Paranaíba pra cá*”: literatura e sociedade em *Cora Coralina*. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

A Rosa. *A Imprensa*, Cidade de Goiás, n. 166, 16 set. 1907.

CORALINA, Cora. Lírio envenenado. *Sul de Goiaz*, Catalão, n. 38, 15 set. 1907.

_____. Concepção da Pedra. *Goyaz*, Cidade de Goiás, 15 jan. 1910.

_____. Rio Vermelho. *A Informação Goyana*, Rio de Janeiro, v. II, n. 8, 15 mar. 1919.

_____. Coisas de São Paulo. *O Democrata*, Jaboticabal, 7 mai. 1931.

_____. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: José Olympio, 1965.

COUTINHO, Afrânio; Coutinho, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Global, 2004.

DENÓFRIO, Darcy França. *Cora dos goiases*. In: *Cora Coralina* (Coleção Melhores Poemas). Seleção, apresentação crítica e biográfica de Darcy França Denófrío. 3. ed. rev e ampliada. São Paulo: Global, 2008.

FLEURY, Luiz Gonzaga Camargo. Discurso de abertura da Primeira Sessão Ordinária da Assembleia Provincial de Goiás. 1º jul. 1838. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/286/000001.html>. Acesso em: 05 jan. 2020.

NEVES, Margarida de Souza. *Viajando o Sertão: Luís Câmara Cascudo e o solo da tradição*. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; NEVES, Margarida de Souza (Orgs.). *História em cousas miúdas: a história contada: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 237 – 262.

SALLES, Mariana de Almeida. *Cora Coralina: uma análise biográfica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2004.

SILVA, Henrique. *Cora Coralina*. *A Informação Goyana*, Rio de Janeiro, v. II, n. 7, 15 fev. 1919.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *A crônica brasileira do século XIX: Uma breve história*. Rio de Janeiro: É Realizações Editora, 2015.

VAILLANT, Alain. *Modernidade poética e cultura midiática no século XIX*. In: ANDRIES, Lise e GRANJA, Lucia (org). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: Século XIX*. Tradução de Douglas Ricardo Hermínio Reis. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.